

REGISTRO FOTOGRÁFICO DA 'FORMIGA DE OURO' - MUTILIDAE NA SERRA DO ESPINHAÇO MERIDIONAL, BRASIL

PHOTOGRAPHIC RECORDS OF THE VELVET ANT -
MUTILIDAE IN THE SOUTHERN ESPINHAÇO SIERRA, BRAZIL

Nilza da Conceição Aguiar¹
Thiago Caldeira Diniz²
Rosana Passos Cambraia³
Marivaldo Aparecido
de Carvalho⁴

¹ Graduada em Turismo pela Faculdade Interdisciplinar de Humanidades (FIH/UFVJM). Email: nilzac.aguiar@hotmail.com

² Graduando de Odontologia da Faculdade de Ciências Biológicas e da Saúde (FCBS/UFVJM). Email: thiago.caldeira.diniz@gmail.com

³ Doutora em Psicobiologia pela Universidade de São Paulo (USP) Ribeirão Preto/SP. Professora Associada, Departamento de Farmácia, Mestrado Profissional Interdisciplinar em Saúde, Sociedade & Ambiente (FCBS/UFVJM), Email: rosacambraia@gmail.com

⁴ Doutor em Sociologia e Antropologia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) Araraquara/SP. Professor Associado, Departamento de Ciências Básicas, Mestrado Profissional Interdisciplinar em Saúde, Sociedade & Ambiente (FCBS/UFVJM), Email: marivascarvalho@hotmail.com

Resumo

Este trabalho refere-se a produção de fotografias de um espécime da fauna entomológica, vinculando arte e cultura, como busca de visibilidade sociocultural na área de abrangência de uma universidade pública regional. O objetivo foi produzir fotografias de um inseto da ordem *Hymenoptera* (como abelhas, formigas e vespas), denominado 'formiga de ouro' ou 'formiga veludo', da família *Mutillidae*. O interesse nesse espécime está no fato de estar associado ao conhecimento tradicional em remanescentes de quilombos, destacando-se, aqui, a preservação do patrimônio imaterial sob a forma de conhecimento e uso zooterápico. Foram utilizadas câmeras fotográficas e computador. Caminhadas em trilhas ocorreram na região do campus universitário da UFVJM em Diamantina (Minas Gerais, Brasil), para busca dos insetos e tomada de fotografias. A seleção das fotos possibilitou a montagem de um acervo visual de alguns espécimes da família *Mutillidae*, que se assemelham às formigas, mas, na realidade, são vespas parasitoides. Tradicionalmente, na região, essas 'formiguinhas' são utilizadas como patuás, costuradas em uma pequena sacola de pano, penduradas no pescoço de crianças que apresentam chiado no peito. As fotografias nos revelam a expressão estética desse inseto, estimulam a comunidade universitária na interação com a cultura das comunidades de seu entorno, valorizando suas práticas tradicionais.

Palavras chave: Campo rupestre. 'Formiga de ouro'. Fotografia. Zooterapia.

Abstract

This paper refers to the photography production of one entomological specimen in association with art and local culture, searching visibility between social agents in the area of a regionalized public university. The objective was to produce photographs of an insect *Hymenoptera* (as bees, ants and wasps), called velvet ant or gold ant, from the *Mutillidae* family. The interest in this specimen is due the association with the traditional knowledge from quilombola communities, highlighting here the preservation of the traditional knowledge and the zotherapy practice. Photographic cameras, tripod and computer were used. The hiking in the trails occurred into the federal university campus region located in Diamantina (Minas Gerais, Brazil), where photos were taken. A selection of photos allowed the visual archive of some

specimens of Mutillidae family, by the way, they are not ants, like most of the people call them, but in reality they are parasitic wasps. Traditionally, in the region the velvet ants are used as amulets, sewn a couple of them into a small cloth bag, hanged in the children neck, that suffer breast wheezing. The photographs reveal us aesthetic expression of the velvet ant, enabling the interaction of the university community with its surroundings and sought the cultural value of their traditional practices.

Keywords: *Altitude field. Velvet ant. Photography. Zootherapy.*

Introdução

Além de possuir expressivo acervo genético do planeta, o Brasil é detentor de rica diversidade cultural e étnica, que resulta em conhecimentos e tecnologias tradicionais, transmitidos de geração em geração, dentre os quais destaca-se aqui o vasto acervo de conhecimentos sobre a flora e a fauna. O uso de animais na medicina popular é um fenômeno, do ponto de vista histórico e geográfico, com abordagens psicológicas, etnobiológicas, etnográficas, médicas, etnofarmacológicas, ecológicas e artísticas. Este trabalho está baseado no conhecimento e uso zoterápico de um inseto conhecido popularmente como ‘formiga de ouro’. Embora trabalhos na literatura utilizem o termo ‘vespas *mutillidae*’ para se referirem a este inseto, optamos no presente texto pelo uso do termo popularmente empregado pela população local, ou seja, ‘formiga de ouro’ ou ‘formiguinha de ouro’.

Destacamos aqui a preservação da cultura regional de forma artística, em atendimento ao Plano Nacional de Cultura (BRASIL, 2010) do Ministério da Cultura, que reflete o esforço coletivo para o exercício dos direitos culturais dos brasileiros de todas as situações econômicas, localizações, origens étnicas e faixas etárias. Valorizamos a cultura como expressão simbólica, como direito de cidadania e como campo potencial para o desenvolvimento econômico sustentável. É neste sentido que este trabalho de extensão universitária buscou contribuir com imagens envolvendo a natureza e o conhecimento tradicional. Esta busca de visibilidade da memória visual, por meio do conhecimento popular e da fotografia, foi empreendida pensando-se na preservação do patrimônio imaterial.

Trabalho anterior do grupo Jequi/UFVJM (CAMBRAIA et al., 2012), realizado em comunidades remanescentes de quilombos na Serra do Espinhaço Meridional, revelou diversos usos zoterápicos na região. Quanto a fauna silvestre, as entrevistas com moradores tradicionais destacaram o uso da ‘formiga de ouro’ para tratamento de chiado e bronquite de crianças. A partir da referida pesquisa, que apontou recorrentemente o uso zoterápico deste inseto, foi planejada então uma ação extensionista, desta vez envolvendo cultura e arte, aproximando a comunidade universitária e os remanescentes quilombolas da região. O objetivo da ação foi fotografar este inseto da ordem *Hymenoptera*, ‘formiga de ouro’ ou ‘formiga veludo’, da família *Mutillidae*. O interesse está focado na visibilidade do conhecimento tradicional, destacando-se aqui a preservação do patrimônio imaterial sob a forma de conhecimento e uso zoterápico, além do potencial de conservação da biodiversidade, sustentabilidade e desenvolvimento de tecnologias.

Desenvolvimento

Os equipamentos utilizados estiveram disponíveis no grupo Jequi/UFVJM e consistiu de máquinas fotográficas Sony, Canon EOS Rebel e Nikon D-90. As fotografias foram produzidas pela equipe em diversos locais na região, especialmente no campus da UFVJM em Diamantina, Minas Gerais. Do conjunto total de uma centena de fotos, foram selecionadas 25 (vinte e cinco) para apresentação e exposição em tamanho A4 (210 × 297 mm). As fotos foram impressas na gráfica da Universidade em papel comum e em papel brilhoso.

Para busca e tomada de fotografias das 'formigas de ouro', foram realizadas caminhadas em trilhas e observações nas áreas descampadas e jardins do campus da UFVJM, assim como na região rural de seu entorno. O campus universitário encontra-se em altitude entre 800 e 1.500 metros, bioma de campo rupestre, região de mananciais. Sobre as formigas de ouro, são observadas em diversos tipos de solo, principalmente arenoso, mas, em geral, em altitude ao redor de 1.000 metros. Em sua maioria, as formigas são vistas em trechos de estrada e de trilhas de terra, onde podem ser vistas com mais facilidade, e se locomovem com muita agilidade. A família *Mutillidae* compreende indivíduos conhecidos também como formiga veludo, formiga feiticeira ou onça, que se assemelham às formigas, mas, na realidade, são vespas parasitoides. Apresentam dimorfismo sexual acentuado, os machos adultos alados alimentam-se de néctar floral e pólen, atuando como agentes de polinização (CUNHA, 2004); já as fêmeas (sem asas) podem se alimentar durante a invasão do ninho dos hospedeiros, principalmente himenópteros, que apresentam o comportamento de aprovisionar néctar e pólen para a larva durante seu desenvolvimento (CUNHA, 2004; DUNCAN e LIGHTON, 1997).

Um trabalho recente de Luza et al. (2016) no Parque Nacional da Serra da Canastra, em Minas Gerais, investigou o comportamento alimentar de algumas espécies da família *Mutillidae*, destacando-se a alimentação com néctar extrafloral por parte de machos alados. Já o estudo de Garcia et al. (2006) investigou o comportamento reprodutivo de duas espécies de vespas *mutillidae*s, tanto no campo quanto em laboratório no Paraná e nas Misiones da Argentina, com descrição de novas espécies. Outra pesquisa na Serra da Bodoquema, no centro oeste brasileiro (AUKO e SILVESTRE, 2013), verificou a ocorrência da família *Mutillidae*, embora em baixa frequência em comparação a outras famílias de um inventário da fauna de vespas predadoras, lembrando que os *Mutillidae* podem ser encontrados em locais arenosos, que são áreas onde estão seus hospedeiros mais comuns.

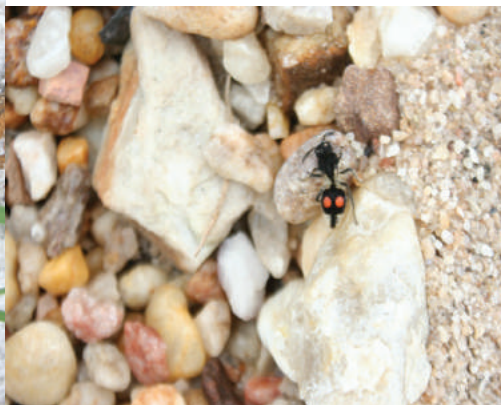
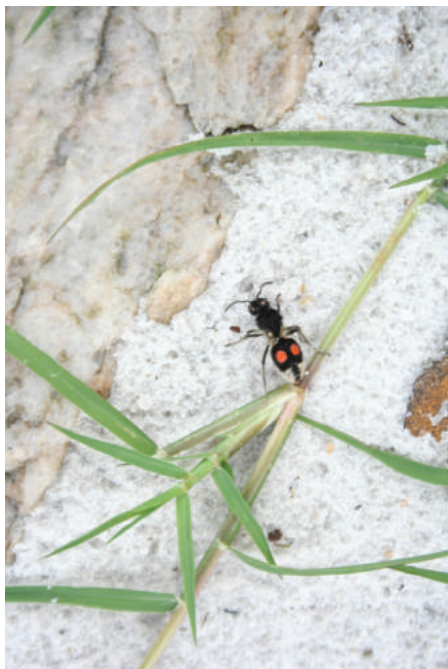


Figura 1

Fotos da 'formiga de ouro' em ambiente arenoso a esquerda e rochoso abaixo, campus UFVJM Diamantina, MG, 2014.

Fonte: Autores do projeto.



Figura 2

Fotos da 'formiga de ouro', campus UFVJM Diamantina, MG, 2014.

Fonte: Autores do projeto.

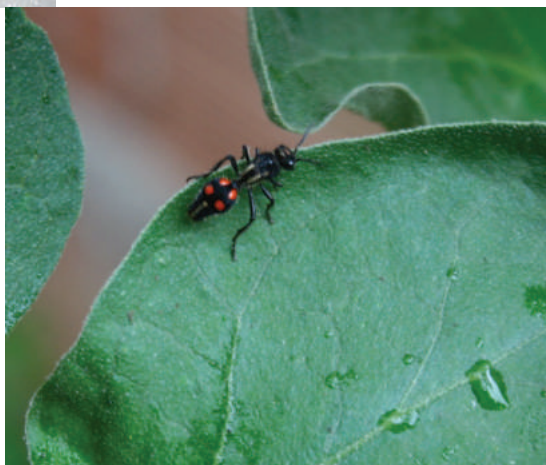


Figura 3
Foto da 'formiga de ouro' em posição lateral,
Diamantina, MG, 2014.
Fonte: Autores do projeto.



Figura 4
Fotos da 'formiga de ouro' em superfícies
vegetais diversas, Diamantina, MG, 2014.
Fonte: Autores do projeto.



Figura 5
Fotos da 'formiga de ouro' em contato
humano, Diamantina, MG, 2014.
Fonte: Autores do projeto.



Discussão

O trabalho aqui desenvolvido envolve a percepção social de comunidades quilombolas sobre a maneira de usufruir e de classificar a “formiga de ouro”, demonstra um processo complexo de como as comunidades humanas se relacionam com o mundo natural e as relações simbólicas imaginárias oriundas dessa relação.

Segundo Lévi-Strauss (1989, p. 31), “toda classificação é superior ao caos, e mesmo uma classificação no nível das propriedades sensíveis é uma etapa em direção a uma ordem racional”. Existe pelo menos uma relação num número grande de casos e a generalização dessa relação, mesmo sem base na razão, pode ser uma operação teórica. Além disso, o mesmo antropólogo chama a atenção para o fato de que a classificação preserva a riqueza do inventário; e, decidir que é preciso levar tudo em conta, facilita a constituição de uma memória como demonstramos nas análises de pares de opostos, como por exemplo, o alto e o baixo, onde no alto se localiza as folhas, e no baixo as raízes, sendo que estas, por estarem enterradas (baixo) sofrem influência da lua; já as folhas não sofrem influência da lua, por estarem no alto, assim a sua coleta não tem restrição segundo as fases da lua (GUTIERREZ, 2015, p. 59).

Em primeiro lugar podemos destacar a memória social, ou seja, a memória coletiva, expressa, normalmente, pelos moradores mais velhos, já que o saber tradicional se vincula com a oralidade, um saber que se comunica oralmente, seguindo regras sociais internas estabelecidas pelo grupo.

Uma cultura oral – nos diz a comparação cultural – funda a si mesma de uma vez por todas e quer se garantir de todo modo das imponderabilidades inerentes ao fluir dos acontecimentos: deve, portanto, poder acreditar que toda solução e resposta ao presente estão no ‘próprio’ passado. Toda eventualidade nova, todo imprevisto, portanto, será recuperado retocando cuidadosamente o próprio patrimônio tradicional (a mitologia), de modo que existam nele pressupostos vencedores para se comportar em relação ao presente de acordo com eles. Eis, portanto, que – para gerar o ‘devir’ – ocorre tornar fecundamente elástico e em perene elaboração o passado (cultural): de modo que aquilo que se teme, aquilo que deve (ou está para) acontecer tenha precedentes no já acontecido (e, portanto, no já resolvido). A história sagrada, a mitologia de uma cultura oral é, portanto, um arquivo móvel e elástico que consente navegar com incertezas menores ou com maior coerência. Assim o narrador oficial ou o “senhor da palavra” não deve simplesmente recordar a ‘história’, ou seja, os fatos do passado, mas deve também reagir ‘aos acontecimentos de que é testemunho direto, recompondo-os nas formas tradicionais e inserindo-os em seu repertório.’ Em outras palavras, deve-se decodificar o passado (para que seja usufruível no presente) e codificar o presente (para que seja reconduzível ao próprio passado cultural) (MAZZOLENI, 1992, p. 154-155).

Num segundo momento, percebemos uma maneira social estabelecida pelas comunidades quilombolas de organizar o mundo natural envolvente, organização essa estabelecida por uma observação e interpretação do jeito e do modo de viver de uma determinada vida natural e de sua relação com o mundo humano. Essas observações nos demonstram que a percepção social, de uma dada comunidade sobre seu mundo

natural envolvente, demonstra uma visão de mundo que traduz uma lógica, uma racionalidade de pensar e estabelecer relações com o mundo natural, que denominamos de conhecimento tradicional.

Os Bens Culturais de Natureza Imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares, como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas (IPHAN, 2016).

Uma observação interessante, segundo Cambraia et al. (2012), é sobre a funcionalidade terapêutica da ‘formiga de ouro’, esta deve ser capturada para uso no patuá, descendo o caminho onde se encontra, e nunca subindo. Popularmente, o uso da ‘formiga de ouro’, contra chiado no peito de crianças, se justifica no fato de que, quando tocamos a formiga, esta produz um chiado. O uso terapêutico da formiga é estruturado numa lógica binária, na similaridade e no contato. A lógica binária se expressa na polaridade subir e descer, descrita no sentido em que se encontrava a formiga no momento de sua captura (para fazer o chiado ‘descer’). A similaridade, ou seja, a analogia entre o chiado da formiga e o chiado do peito da criança, nos leva a uma lógica homeopática: o semelhante cura o semelhante, e é pelo contato com o patuá que a criança será tratada (CAMBRAIA et al., 2012).

Os sistemas médicos tradicionais merecem visibilidade e destaque, atendendo assim à Política Nacional de Cultura e o Plano Nacional de Cultura (Brasil, 2012). Nessa perspectiva, o fato de reforçarmos as formas de terapias tradicionais se refere não somente à possibilidade de estudos prospectivos, mas, sobretudo, à valorização e proteção desses saberes. Esse patrimônio cultural se encontra quase invisível, não recebe o devido crédito e carece de terreno fértil para manifestação. As fotos das ‘formigas de ouro’ buscaram trazer à tona um conhecimento tradicional local, fortalecendo-o por meio da estética contida nas fotografias geradas e do encanto que todos manifestam ao visualizar a imagem desse inseto.

A ampla distribuição geográfica e o registro etnográfico do fenômeno da zooterapia resultaram na hipótese da universalidade zooterápica, segundo a qual toda cultura que apresenta sistema médico desenvolvido utiliza animais como remédios. Informações valiosas sobre tinturas, óleos, corantes, inseticidas, essências naturais, comidas, repelentes e vários outros preparados são transmitidas entre gerações, nas comunidades, e muitas vezes não são registrados cientificamente, por negligência e/ou desconhecimento deste potencial para a sustentabilidade das comunidades (COSTA-NETO & RESENDE, 2004; COSTA-NETO, 2005). Estes autores alertam que a pesquisa sobre zooterapia deve ser compatível com o bem-estar dos animais e a conservação biológica. A medicina tradicional baseada em animais tem trazido para a ciência médica moderno fonte de inspiração para companhias farmacêuticas como fontes de fármacos (COSTA-NETO, 2005).

Conclusão

Este trabalho fotográfico contribuiu com um elenco de imagens que trazem visibilidade da memória visual local, com especial destaque para um inseto conhecido e respeitado pela população local. O simples conjunto de fotografias das ‘formigas de ouro’, como o produzido nessa ação cultural e artística, traz à tona a riqueza local e a valorização da preservação do patrimônio imaterial. Destacamos, também, que as fotografias são um esforço na sensibilização da comunidade acadêmica, para respeito e proteção da biodiversidade local, assim como para desenvolvimento futuro de pesquisas quanto ao potencial farmacológico e terapêutico da ‘formiga de ouro’.

Agradecimentos

Programa de Bolsas de Apoio à Cultura e à Arte (Procarte) da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) e à Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). Ao prof. Dr. Sebastião Lourenço Assis Junior, Laboratório de Entomologia FCA/UFVJM. Ao Grupo Jequi e ao Mestrado Interdisciplinar em Saúde, Sociedade & Ambiente (SaSA/UFVJM).

Referências

- AUKO, T. H.; SILVESTRE, R. **Composição faunística de vespas (Hymenoptera: Vespoidea) na Floresta Estacional do Parque Nacional da Serra da Bodoquena, Brasil**. Biota Neotropica, Campinas, v. 13, n. 1, p. 292-299, 2013.
- BRASIL. Lei nº 12.343, de 02 de dezembro de 2010. Institui o Plano Nacional de Cultura - PNC, cria o Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais – SNIIC. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 03 dez. 2010. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?journal=1&pagina=1&data=03/12/2010>>. Acesso em: 01 fev. 2016.
- CAMBRAIA, R. P.; CARVALHO, M. A.; PAES, S. H.; MURTA, N. M. G.; GONÇALVES, J.; NASCIMENTO, M. A.; MUANIS, W. G. **Estudo cultural e científico das práticas zooterápicas em algumas comunidades quilombolas de Minas Gerais**. Relatório de Pesquisa Fapemig CVZ - APQ-02120-09, Diamantina, 2012.
- COSTA-NETO, E. M. **Animal-based medicines: biological prospection and the sustainable use of zootherapeutic resources**. Anais da Academia Brasileira Ciências, Rio de Janeiro, v. 77, n. 1, p. 33-43, 2005.
- COSTA-NETO, E. M. & RESENDE, J. J. **A percepção de animais como “insetos” e sua utilização como recursos medicinais na cidade de Feira de Santana, Estado**

- da Bahia, Brasil. *Acta Scientiarum, Biological Sciences*, Maringá, v. 26, n. 2, p. 143-149, 2004.
- CUNHA, R. **Monoeca xanthopyga (Hymenoptera, Apoidea, Tapinotaspidini), primeiro registro de hospedeiro do gênero Traumatomutilla (Hymenoptera: Mutillidae) na Serra Geral do Rio Grande do Sul, Brasil.** *Acta Scientiae*, Canoas, RS, v. 6, n. 2, p. 35-40, 2004.
- DUNCAN, F. D.; LIGHTON, J. R. B. **Discontinuous ventilation and energetics of locomotion in the desert dwelling female mutillid wasp, Dasymutilla gloriosa.** *Physi. Entom*, Oxford, n. 22, p. 310-315, 1997.
- GARCIA, E. Q.; CAMBRA, R.; MELO, G. A. R. **Sexual associations for two species of mutillid wasps (Hymenoptera, Mutillidae), with the description of a new species of Anomophotopsis.** *Revista Brasileira de Entomologia*, Curitiba, v. 50, n. 3, p. 379-384, 2006.
- GUTIERREZ, D. F. **Plantas medicinais, cultura e saúde nos quintais rurais do vale do Mucuri.** Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Saúde, Sociedade & Ambiente, UFVJM, Diamantina, 2015.
- IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Patrimônio Imaterial.** Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>>. Acesso em: 01 fev. 2016.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem.** 7. ed. Campinas: Papirus, 1989. 320 p.
- LUZA, D. R.; ROSAA, B. B.; WILLIAMS, K. A.; MELO, G. A. R. **An uncommon feeding habit: mutillid wasps (Hymenoptera, Mutillidae) visiting extrafloral nectaries in Malpighiaceae.** *Brazilian Journal of Biology*, São Carlos, v. 76, n. 2, p. 551-553, 2016.
- MAZZOLENI, G. **O planeta cultural: Para uma antropologia histórica.** São Paulo: Edusp, 1992.